

SIMENON



O CÍRCULO DOS MAHÉ



cavalo de ferro

*Para a Tigy, como recordação
de Saint-Mesmin*

1

O MÉDICO E AS CORVINAS

Franzia as sobrancelhas; e talvez deitasse a ponta da língua de fora, como um estudante? Fazendo beicinho, espiava Gène com um olhar furtivo e aplicava-se a copiar-lhe os gestos o mais exactamente possível.

Mas, por muito que se esforçasse, alguma coisa não batia certo, pois o resultado não era o mesmo. Era suficientemente sincero para o reconhecer, suficientemente obstinado para controlar a sua impaciência. A mão pendia-lhe fora do barco, como a de Gène, sem rigidez; compreendera logo que devia evitar a rigidez. Apenas o indicador se levantava um pouco, servindo de apoio à linha de cânhamo a que as pessoas da região chamavam *boulantin*.

Não estava em causa a qualidade da linha. A de Gène e a dele eram idênticas. Ainda há pouco, Gène, que lhe adivinhava todos os pensamentos sem sequer olhar para ele, tinha proposto:

— Venha para aqui... Fique com o meu lugar e com o meu *boulantin*... Pode ser que tenha mais sorte...

O mar, sem nenhuma ondulação, sem nenhuma ruga, respirava devagar mas profundamente. E esse movimento imperceptível incomodava o médico mais do que a impressionante desordem das vagas. A cada palpação da superfície líquida,

sentia o chumbo da sua linha a levantar-se do fundo. Debruçava-se então. Via, talvez a dez metros de profundidade, talvez mais, uma paisagem à qual não conseguia habituar-se, rochas que separavam cavidades roxas, um baixio coberto de algas; via sobretudo peixes, peixes bastante grandes, prateados ou avermelhados, que iam e vinham em silêncio, tranquilos, às vezes detendo-se por momentos diante do isco dele. Involuntariamente, a sua mão tremia, uma película de suor cobria-lhe o lábio superior, estava prestes a dar um puxão à linha. Porque é que o peixe dava meia-volta?

Voltava a levantar a cabeça e suspirava. Era-lhe impossível ficar muito tempo a olhar o fundo do mar. O seu coração soçobrava. Doíam-lhe as órbitas fundas, a cabeça. Aquilo transformava-se num pesadelo. Cada vez que erguia os olhos em direcção a Mèdes, tinha a impressão de que o barquinho, com duas extremidades pontiagudas, se aproximava do rochedo. Nem sequer tinham âncora. Gène contentara-se em deitar ao mar uma grande pedra. Será que estava atento ao rochedo? Via-se nitidamente que o mar se erguia aí, deixando depois a descoberto uma larga faixa de espuma viscosa e conchas. Mesmo sem o fragor das ondas, a água não deixava de se cobrir de uma espuma branca da qual algumas bolhas enormes vinham rebentar contra o casco do barco.

Gène, sentado num dos bancos, com um boné velho na cabeça, permanecia tão imóvel como um bonzo chinês, enquanto o olhar, parecendo indiferente, se perdia muito longe no brilho do horizonte.

O médico só conseguia ver um clarão que lhe irritava a retina, mas Gène via tudo e anunciava numa voz sem sotaque:

— O *Cormoran* está a regressar de La Tour-Fondue... O Joseph vai deitar as redes junto ao farol...

Ao mesmo tempo, ia puxando a sua linha, sem se apressar, como se quisesse assegurar-se de que os anzóis não estavam desguarnecidos, mas havia sempre um peixe na ponta.

— Uma corvina...

Guardava-a na sacola cheia de algas frescas, partia outro caranguejo-eremita, a que ali chamavam *piade*, e enfiava-o no anzol.

Emocionado, o médico puxava por sua vez a linha. A linha vibrava, enérgica. E ele tinha invariavelmente a impressão de que a presa era grande, de que se realizara um milagre, de que ia espantar o próprio pescador. Mas era sempre um desses horríveis peixes cobertos de espinhos, não rascassos mas, como dizia Gène, diabos, que era necessário soltar com uma toalha à volta da mão e devolver ao mar.

Porque é que ele só apanhava diabos ou, na melhor das hipóteses, minúsculas percas? Pescavam no mesmo sítio, a um metro um do outro. Via nitidamente, lá em baixo, os pequenos pontos rosados dos caranguejos-eremitas que se passeavam no fundo do mar e, por duas vezes, as linhas deles enredaram-se. Via também os peixes. O médico tinha a certeza de que fazia os mesmos gestos de Gène. Não era novato naquelas lides. Em Saint-Hilaire, era o único capaz de fazer uma boa pesca de arremesso no Sèvre, o que é ainda mais delicado do que a pesca no mar.

Embirrava com aquele grande rochedo cinzento que emergia tão perto deles e que continuava, só Deus sabe porquê, a assustá-lo. Embirrava com o mar, aquele mar idealmente calmo e azul, sobre o qual tanto gostara de vaguear a bordo de um barquinho com um listão azul.

A sua mulher não se atrevera a trocar, quando ele regressou da Cooperativa com um chapéu de palha em forma de capacete colonial, como os locais usavam. Comentara apenas, com o seu sotaque regional:

— Compraste um chapéu?

Bastava-lhe levantar a cabeça para a ver, talvez a trezentos metros dele; era difícil, com toda aquela água, calcular as distâncias. Ao fundo de uma baía, encurvava-se uma das praias

da ilha, a praia de Notre-Dame, sombreada por pinheiros-mansos. A mancha branca, sobre a areia, era a sua mulher, que não se mexia, ocupada a coser ou a tricotar. A mancha preta, ao lado dela, era Mariette, a criadita que tinham trazido de Saint-Hilaire. O rapazinho minúsculo que estava sempre a dar cambalhotas na areia ou num dos colos era o filho deles, Michel, e a menina por quem chamavam cada vez que a água lhe chegava a meio das pernas era a sua filha.

Ele via-os, e, de onde estavam, eles também deviam vê-lo, numa das pontas do barco de Gène. Estava calor. A pele exposta ao sol assava e, na manhã seguinte, ficava escarlate. Passara por isso na véspera. Tinha andado a passear com as mangas da camisa arregaçadas. Agora, até aos cotovelos, dir-se-ia um bife mal passado, sobre o qual a pele parecia macilenta e insalubre.

A cabeça andava-lhe à roda. Arrependia-se de ter contratado Gène para uma tarde de pesca. Apetecia-lhe muito regressar, mas não se atrevia a propô-lo.

Era sobretudo a visão do fundo... Aquela paisagem tão límpida, tão estranha, tão inumana que ele tinha a impressão de descobrir outro planeta... E também o cheiro, o da água, o das suas mãos, que tinham tocado em peixes e caranguejos-eremitas, o cheiro do matagal sobreaquecido que a brisa lhes trazia...

Agarrava-se à esperança pueril de apanhar uma bela peça, deslumbrando Gène; a testa enrugava-se-lhe ainda mais e ele inclinava-se para o mar até lhe dar vertigens.

Só tinham chegado a Porquerolles há quatro dias e ele já estava farto do sítio. Era toda uma canseira. O sol esmagava-o. Tudo lhe exigia esforço: esforço de adaptação, esforço de compreensão. A ilha era bela, como lhe dissera o seu amigo Gardanne, o pintor do Sèvre Nantaise. Seria, então, ele que não se enquadrava?

— Ferre agora! — disse Gène.

Ele puxou precipitadamente a linha. Qualquer coisa se agitava na ponta, mas ainda não tinha içado dois metros de fio quando o peixe se soltou.

O que se impunha era a sua dor de cabeça. Estava a fumar, e fazia mal em fumar, pois isso dava-lhe sede e o vinho da ilha, que tinham trazido, aquecera no barco e deixava-o enjoado.

De vez em quando aproximava-se um zunido. Era um barco como o deles, um pouco maior ou um pouco mais pequeno, que passava. A bordo, havia quase sempre uma ou duas pessoas de fora. O piloto local deixava-se ficar imóvel ao leme. Ao passar perto deles, levantava um braço em jeito de cumprimento e Gène levantava o seu.

— É o Ferdinand! — limitava-se a comentar, como se essa palavra bastasse, como se esse tal Ferdinand fosse uma celebridade mundial.

Um dos barcos trepidantes avançou direito a eles. Vinha do porto, não do alto-mar. Quando estava a poucos metros, o motor parou, e o barco deixou-se ir até chocar ao de leve com o de Gène.

— É o médico? Não se importava de vir comigo? Está uma mulher a finar-se.

Para Gène, o recém-chegado acrescentou laconicamente:

— É a mulher do Frans...

Depois explicou:

— Temos um médico na ilha, mas, nem de propósito, está em Fréjus para um casamento e só deve regressar na próxima semana.

— Suba para o barco dele — aconselhou Gène. — É mais rápido do que o meu.

O médico era pesado. Os seus noventa quilos fizeram o barco inclinar-se perigosamente, e ele quase caiu na embarcação vizinha, onde deu por si sentado num banco.

— Também vens, Gène?

— É só recolher as linhas.

— Corvinas?

— Algumas...

O motor tossiu, pôs-se a zunir, o barco deu meia-volta, e o médico via agora a praia de Notre-Dame à sua esquerda, onde estavam a sua mulher e os seus filhos. Acenou-lhes ao passar. Ainda insistira para irem também no barco de Gène, trazendo-os depois de volta, mas Hélène não lhe deu ouvidos. Quando chegaram de automóvel à ponta de Giens e ela viu o mar e o *Cormoran* que os esperava para os levar até à ilha, ficara muito pálida; teve de se controlar para subir a bordo e, desde então, o final das férias, que implicaria uma nova travessia, parecia-lhe um pesadelo.

Contornaram os rochedos, um velho forte ressequido pelo sol e entregue aos lagartos. Tinham lá ido na véspera, a pé. O chão estava coberto por uma estranha vegetação escorregadia, com bagas vermelhas que estalavam debaixo dos pés. O forte abandonado já não tinha portas nem janelas. As paredes pareciam feitas de uma poeira branca que o sol, ao longo dos séculos, havia petrificado.

Também ali o médico se sentira desconfortável. Pensara na Idade Média, nas Cruzadas. Sobressaltava-se sempre que um lagarto ou uma cobra saía da sua imobilidade, embora lhe tivessem garantido que não havia víboras na ilha.

— O que tem ela?

— Está a morrer de tuberculose... Não é de hoje... Há vários anos que anda cansada, mas desta vez tudo indica que é o fim...

Aqui e ali, numa praia ou num dos caminhos da ilha, grupos imóveis ou a caminhar, gente como eles, pessoas de fora que partiam à descoberta, vestidas de branco, com chapéus de palha. O molhe. O porto, onde uma dezena de iates estavam ancorados e, debaixo de um pau-de-carga, um homem pintava de azul-vivo um barco.

— Não é longe, atrás da igreja... Eu levo-o lá. Amarras-me o barco, Polyte?

Deixaram-no ali, à deriva, na doca. O ar estava espesso e pesado. A terra, as árvores, os muros fumegavam, parecendo emitir vagas de calor. Em vez de atravessarem a grande praça nua e amarela, onde vários grupos jogavam petanca, viraram à esquerda, subiram uma ladeira e passaram perto de um amontoado de detritos; o médico deixava-se levar e sentia ainda na cabeça o movimento do mar, todo o seu corpo continuava a viver a um ritmo demasiado calmo, demasiado poderoso, que não era o seu, de tal modo que sentiu por momentos vontade de tomar o seu próprio pulso para se assegurar de que estava normal.

— Venha por aqui...

Atravessaram uma estrada num sítio onde não era de esperar que houvesse uma. Estavam muito perto da aldeia, um pouco acima dela, à altura dos telhados, e aí, debaixo das árvores, para lá de um terreno inculto, havia uma fileira de edifícios baixos, uma antiga caserna ou talvez antigos armazéns do Exército. Duas mulheres, de pé ao sol, viam-nos aproximar-se. No chão, junto delas, duas crianças sujas, nuas da cintura para baixo.

Depois, uma porta aberta para um ambiente de um azul sombrio, quase do mesmo tom do fundo do mar.

As duas mulheres seguiram-no com os olhos sem dizer nada. Foi necessário abrirem caminho entre as longas folhas, armadas de espinhos, das figueiras-da-índia e dos cactos que ali cresciam, só Deus sabe porquê.

— Entre, doutor...

De início, não viu nada. Depois, do fundo da escuridão, emergiu uma mulher que se dirigia para eles, tornando-se cada vez mais nítida. Disse-lhes:

— Creio que acaba de falecer...

O olhar do médico deteve-se numa mancha vermelha: era uma menina com um vestido vermelho-vivo como uma bandeira, de pernas magras e nuas, que os fitava, encolhida a um canto, junto à parede.

ÍNDICE

1. O médico e as corvinas	9
2. O regresso do legionário	26
3. O gradeamento do jardim	43
4. A queda de Elisabeth	60
5. A carta de Péchade.....	77
6. O enterro em Saint-Hilaire	94
7. A visita às muralhas	111
8. A vitória das corvinas.....	127

Ninguém conseguia entender por que razão o doutor Mahé insistia em arrastar toda a família para a ilha de Porquerolles nas férias de Verão. A mulher reclamava da demasiada luz, do calor, da comida, e ele próprio sentia-se deslocado naquele mundo meridional que lhe era hostil. No entanto, o médico decide voltar uma segunda vez, e ainda uma terceira. Talvez porque estivesse obcecado por uma imagem irresistível: a de uma rapariga de vestido vermelho, a quem nunca tinha dirigido a palavra, e que era a negação de tudo o que fora a sua típica vida burguesa, talhada para ele como se vestisse a roupa de outra pessoa: a clientela, a casa cinzenta que um dia herdaria, os amigos, a pesca, o *bridge*, a mãe que ainda lhe preparava a roupa limpa e que até lhe tinha escolhido a profissão e a mulher...

Drama existencial, relato do mal-estar, do alheamento progressivo, das pulsões reprimidas que irrompem sob a forma de uma obsessão, *O Círculo dos Mahé*, curto, denso, psicológico, é considerado um dos melhores *romans durs* de Simenon.

«Um dos melhores cinco romances de Simenon.»

John Banville



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-555-7



9 789895 895557